



EDITORIAL

Brinquedos da minha
infância,
lindos sonhos acalento
o urso, estrelas, fragrância
que até hoje me alimento



EU TIVE UM SONHO!

Era uma casa, uma Casa Grande!

Eu a encontrei vazia! Vazia de sentimentos, de coisas e pessoas.

Só a casa, numa rua que a gente conhece, trabalha, tem amigos...

Como feitores de verdades, enchemos a cabeça de belezas, porque somos como encantadores de ideias que quebram barreiras e preconceitos.

Com estes olhares, imaginei transformar tudo. Fazer uma casa diferente onde você vê o que a pessoa está pensando, onde os artistas podem contar suas histórias. Contar histórias é traduzir o mundo de maneira interessante, é redescobrir coisas, mostrar a produção de cada trabalho do artista, do escritor para juntar, misturar, divulgar.

Dá gosto de pensar estas coisas, mostrar as belezas que temos e ir conversando até encontrar outros parceiros...

Coisas diferentes ressignificam o mundo, a linguagem e ajudam as pessoas a verem as belezas que há nos livros. Tomar da palavra, fazer coisas, abrir caixas para fazer uma comunicação com a juventude.

A maneira de contar histórias deve ser envolvente, imersivas para a pessoa sentir emoção. Só assim conseguiremos comunicação com os jovens.

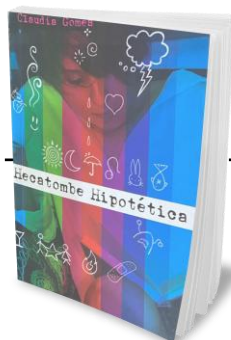
A beleza é ótima para contar histórias, fazer encantamentos, manusear, mexer, falar, abrir livros e ver sair coisas de dentro deles.

Este é o projeto: uma casa da comunicação, juntar escritores com as mídias sociais num mesmo patamar de importâncias.

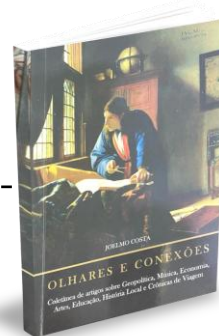
Regina Menezes Loureiro.



Da Coleção José Costa – número 37, O **ESBOÇO HISTÓRICO DOS COSTUMES DO POVO ESPÍRITO-SANTENSE**, organizado por Fernando Achiamé é um clássico da historiografia capixaba, onde os estudiosos podem encontrar importantes documentos e informações de nossa história para suas pesquisas.



A autora do livro **HECATOMBE POÉTICA** assim nos apresenta sua obra: Palavras em tubos de ensaio, frases cozinhando num béquer, letras destiladas. Foi um processo fazer este livro. Poesia é uma fórmula muito pessoal, e eu espero que a gente tenha química.



Com prefácio de Paulo de Tarso Rezende Ayub **Olhares e Conexões** é uma Coletânea de artigos sobre Geopolítica, Música, Economia, Artes, Educação, História Local e Crônicas de Viagem.

Os livros que divulgamos aqui nas páginas deste informativo **AS ACADÊMICAS** foram doados pelos autores e fazem parte da nossa biblioteca **LIVRO VOA**.

Regina Menezes Loureiro

Leia o Informativo **AS ACADÊMICAS** no site

www.reginaloureiro.com

O informativo AS ACADÊMICAS dá a palavra a vozes que serão cada vez mais influentes em nossa sociedade.

MARIAN, UMA VIDA ENTRE TINTAS, AZULEJOS E TELAS.



A artista plástica e muralista Marian Rabello nasceu em Vitória - ES, e, desde criança, sentia-se atraída pela arte de pintar. Autodidata, iniciou na pintura em tecido. Talentosa, entre telas, tintas e pincéis, e outros materiais, evoluiu. Criou painéis de azulejaria que retratam a história e a Cultura do Estado do Espírito Santo. Empolgava-se ao relatar fatos sobre sua trajetória na arte. Admirava ouvi-la e ver seu semblante, que remetia ao passado de glórias.

Marian chegava sempre sorridente, com as mãos e unhas enruinadas de tintas, e sempre explicava que não tinha tempo para limpar, pois logo voltaria para o seu atelier em sua casa e continuaria seu trabalho. Na Rua Sete de Setembro, no Restaurante e Lanchonete Sete, um dos locais mais finos do Centro de Vitória, havia um dos murais de Marian. Com o passar dos anos, o estabelecimento foi demolido. Não pouparam preciosa arte! O painel deveria ser preservado.

Sua arte é eterna, é pura poesia! Sensibilidade que aflorava sua criação. Seus murais e quadros, principalmente a "Romaria dos Homens", no Convento da Penha e "O Descanso Do Frei", são de uma sensibilidade ímpar. Além de manifestar sua face ambientalista e estar em vários locais do Estado.

"Era fã de Marian. Amava contemplar os painéis do antigo Centro de Convenções de Guarapari, Real Café, e de algumas residências ao longo da Praia da Costa." Disse-me Maria Goreti, em recente conversa.

Denise Moraes e Maria Goreti Rocha

O CARNAVAL CAPIXABA CAPRICHADO E SEM HORÁRIO, CONTINUARÁ SENDO DO POVO?

Durante o carnaval vivemos dias mágicos de comunhão, tolerância, criatividade e espontaneidade. Talvez, para a maioria dos brasileiros, seja o lapso mais cristão do ano. A Arte acontece na rua: músicas, danças, roupas, performances, mas principalmente no espírito. Ao anunciar o beijo pedimos cantando: "Não me leve a mal, hoje é Carnaval".

Evento cultural fantástico, o carnaval revela desenvolvimento humano extraordinário. A confraternização que propicia entre cidadãos de origens diversas, inclusive estrangeiros, tem sido objeto de estudo e de admiração de muitos países que vivem atormentados com graves conflitos internos afastando as pessoas, criando guetos, reservas e levantando muros.

As grandes realizações humanas (pirâmides), e feitos extraordinários (chegar à lua), onde o povo é objeto e não sujeito parecem menores, quando comparados ao carnaval. O homem em liberdade é grandioso. A multidão brincando é formidável, arrebatadora, divina.

Kleber Galvêas, pintor.

Tel. (27) 3244 7115 ateliagalveas@gmail.com www.galveas.com

AMO-TE, VITÓRIA!!!

Já disse um dia o poeta:
Que tu és a devoção!
És sorriso de mulher,
Para o mundo a tentação.

Encanto dos enamorados,
Guardas histórias sem fim...
Oh, que lugar encantador,
Vitória, és para mim!

O sol em ti faz morada,
A lua á noite a enfeita,
O mar, eterno enamorado,
A chuva em ti se deleita.

Tu és pequena e bela,
Vitória do meu encanto!
Vitória, doce mulher;
Esposa do Espírito Santo!

Quero cantar-te Vitória!
Em versos de linda canção.
Guardando-te para sempre,
Dentro do meu coração.

Sonia Rosseto

SEDUÇÃO

Ela olhou-me de um jeito diferente,
insinuante, terno, sedutor,
a procurar, com seu olhar luzente,
um coração que amasse sem pudor.

Minha alma, então, ficou-se reverente
e, ali, naquele instante encantador,
ante tanta beleza, de repente,
por ela apaixonou-se e teve amor.

Logo ela pôs a mão em minha mão
e, completando a doce sedução,
foi, totalmente, minha a noite inteira.

E a ela, sem reserva, me entreguei,
amando-a como a outra não amei
em toda a minha vida aventureira.

Matusalém Dias de Moura

O MURO

Fabiola Sampaio (@escritosdefabiola)

Não foram jardins secretos, quintais encantados ou parques divertidos, os lugares que se tornaram inesquecíveis nas lembranças de infância da menina. Quando fechava os olhos e abria a janela do tempo, deparava-se com aquele muro, à beira da estrada, margeando um caminho muito longo, que a levava, nas noites frias, de sua casa até a casa de seus avós.

Ela ia, junto aos irmãos e a mãe, em fila indiana, devido à estreiteza do calçamento. A fila obedecia a ordem da idade dos irmãos: Ela, a mais velha era a primeira, seguida do seu gêmeo, da irmã do meio e do caçula, que era segurado pela mãe, que vinha por último, atenta aos passos das crianças, apressando-os e dizendo que já estava perto de chegar.

Cada um deles levava consigo as mochilinhas com roupas e objetos escolares para que, na manhã seguinte, pudessem ir para a escola. Iam, um atrás do outro, com brincadeiras de criança e olhos arregalados, tentando driblar a neblina e a meia luz dos postes. Seguiam amparados por aquele muro cinza, cuja altura dava em seus quadris. Enquanto andava, suas mãos pequeninas alisavam aquele muro e a cal que restava ficava impregnada entre os seus dedos. A menina caminhava, passando a mão sobre o muro, enquanto seus lábios cantavam: "alecrim, alecrim dourado. que nasceu no campo, sem ser semeado...", quebrando o silêncio noturno.

O muro os levava para um lugar de paz, um lugar onde não haveria gritos e pancadarias, longe do medo e do terror de mais uma noite em que o pai chegava daquele jeito, desconfigurado, olhos vermelhos, andar cambaleante e bafo de bebida. O muro os impedia de ver, nos olhos da mãe, o sofrimento e a angústia dos momentos de martírio e agonia.

O muro era a fuga e a libertação.

Quando caminhava, rente ao muro, a menina lia nomes de casais, circulados por corações, indícios de que teria havido, ali, declarações e promessas de amor. Aquele muro era testemunha de amores durante o dia. À noite, era a sentinela da caminhada de uma mulher, com seus quatro filhos, fugindo de ritual noturno de horror.

Para nos acalmar, dizia:

- Hoje vamos dormir na casa do vovô e tomar leite queimado! A menina e seus irmãos adoravam.

O muro tinha histórias de muita gente. Do seu Januário, o jornalista que vendia "A Gazeta", a cada amanhecer. Do povo que nele sentava para esperar a condução. Do rapaz do picolé, que passava o dia por ali, indo e vindo, gritando: tem de coco, tem de morango e de maracujá!

À noite, o muro era somente deles e de alguns bêbados que dormiam, nele encostado, e não faziam mal a ninguém.

Somente a menina, seus irmãos e sua mãe passavam pelo muro, tão frio, solitário e sem cor. A menina caminhava de cabeça baixa, porém corajosa; sonolenta, porém apressada; contando os passos, cantando a canção do Alecrim Dourado.

SEREIA DO ALTO MAR

*Navega o barco da vida!
Estando no alto mar,
No convés da embarcação,
Ouve uma voz a cantar.
Não sabe, mas é a Sereia,
que em noite de lua cheia,
tem poder de encantar.*

*A voz no meio da bruma,
uma cação a entoar.
Metade oculta nas águas,
outra metade a mostrar.
No feitiço de um sorriso,
marujo bebe o juízo,
começa a se apaixonar!*

*Procura em noite vazia,
a musa de tal canção,
obviamente não encontra,
mas ama em sofreguidão,
a metade da mulher,
que em ânsias deseja e quer.
Que delícia de ilusão!*

Roberto Vasco, 22/01/2024

MANHÃ

O dia amanheceu. Tudo silente.
Nenhum ruído vem-me lá de fora.
Sem perceber a luz, perdi a hora,
aconchegado aqui na cama quente.

Desperto, ponho-me a escutar a mente
a me falar que, um dia, sem demora,
os males deste mundo irão embora
e os homens viverão fraternalmente.

E, meditando nessa fala, fico
a imaginar um tempo novo e rico,
pleno de paz, amor e compreensão.

Até que chega alguém a me chamar,
dizendo estar com fome. Mando entrar
e lhe ofereço um pouco de meu pão.

Matusalém Dias de Moura

*Regina, sempre menina,
tem juventude latente,
um carisma que fascina,
e um caráter consistente.*

Roberto Vasco



AS ACADÊMICAS

FEVEREIRO // 2024 // ANO 25 // Nº 310



Suzi Nunes

SEU LINDO
Espírito
Santo



Preserva um conjunto histórico e arquitetônico com edificações construídas em estilos colonial brasileiro e art décor. O sítio histórico foi tombado pelo Conselho Estadual de Cultura do Espírito Santo em 2013 é reconhecido como Conjunto Histórico e Paisagístico de Itapina.



Fundada por colonos italianos, alemães, sírios, turcos e libaneses, a vila ostentava um passado próspero, evidente nas residências e repartições comerciais que resistiram ao tempo e ao declínio da cidade devido ao êxodo rural.



Tem trilho de trem e estação em Itapina. Por ali também passa o trem de passageiros que liga o Espírito Santo a Minas Gerais.

Itapina, o vilarejo histórico, do final do século XIX, é um bucólico distrito de Colatina às margens do Rio Doce, já foi um dos mais importantes produtores de café.



Os casarios são realmente muito bonitos e chamam atenção. As ruas de paralelepípedo completam o ar de tranquilidade.



A vila guarda diversos tesouros históricos, como a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construída no início do século XX e o Museu Histórico, que abriga um acervo



Mas Itapina não vive o ano todo assim tão tranquila, no mês de junho, acontece o Festival Nacional de Viola, o Fenaviola, que reúne músicos profissionais e iniciantes do Espírito Santo, Brasil e do mundo. Um destino escondido e não muito conhecido que precisa ser descoberto por capixabas e turistas.



Edy Soares

Recanto dos Poetas

Por Edy Soares



O Valor da Palavra

Carolina Ramos

Dizer que o silêncio é ouro é lugar comum. Máxima aceita sem restrições, embora não totalmente correta. Em muitos casos, nem sempre o silêncio substitui a palavra sem os deméritos que apontem para a fuga, para o subterfúgio, para a dissimulação, não passando de cômoda abstenção que não define e nem compromete a quem lança mão deste artifício.

Nada substitui o valor de uma palavra em situações em que ela assume a postura de marco entre o tudo e o nada. Entre a verdade e a mentira. Entre aquele o *Sim* e aquele *Não*, quando sequer é admitida a intrusão indecisa de um débil *Talvez*.

Um *Sim* define duas vidas ante um altar. Um *Não* separa dois corpos e arrasta duas almas rumo a destinos divergentes, à mercê dos tropeços que a vida trama ao reescrever o incógnito roteiro de seus novos passos.

Há palavras frias, ferinas, afiadas como lâminas cruéis! Palavras que ferem, que castigam que matam! Amargas e cheias de veneno, tais como – raiva, ódio, medo, corrupção, vingança, guerra etc.! Em compensação, outras palavras há, belíssimas, de aura luminosa, de conteúdo imenso e transcendental! Amor é a maior delas!

Amor! Palavra que deveria ser sempre escrita com maiúscula e que, urdida dentro de suas reais dimensões, não caberia numa página, pois tem valor de imensidão!

Una, sem sinônimos, a palavra Amor é de uma riqueza impar, embora continuamente desgastada e ultrajada sempre que, com vileza, for dimensionada fora do critério divino com que foi criada.

Amor...é o começo dos começos! Palavra ilimitada em cuja dimensão infinita cabe um Deus! O Amor não tem preço - Ele é o Tudo!

No entanto, sem que se entenda o porquê, Amor é a palavra menos usada e também a mais desgastada pelo desprezo da humanidade que, em sua constante rebelião interior, a ignora, trocando-a pelo apego às mazelas que paradoxalmente a conduzem ao Nada!

Vão-se os tempos, vão-se as gerações enveloadas nas teias que elas mesmas tecem, sem que consigam encontrar o fio condutor que as liberte do labirinto criado por suas próprias mãos, movidas por paixões dominantes que as arrastam, quando tinham tudo para conduzir, sem serem conduzidas. Dominar sem serem dominadas e, vencer, ao invés de serem vencidas.

Entretanto, assim como não há causa sem efeito, assim como um veneno fatal pode ainda ter um antídoto, há também uma palavra terna, que parece fraca, frágil... mas absolutamente, não é nada disto.

A palavra é *Esperança* - que tem força desmedida e se abastece na alma de cada ser a ajuda-lo a sonhar... e sonhar... sempre uma vez mais!

E essa palavra, verde como um tenro broto que viceja, cresce e rasga nuvens densas do horizonte azul da Terra do Sonho a apontar confiante outra palavra soberana, tão pequenina, três letras apenas que traduzem o coletivo anseio, acenando, de longe, num fraterno apelo: - PAZ!

Há, entretanto, uma última palavra a ser anexada. Pequenina e tão grande que é capaz de envolver todas as palavras do mundo, porque abraça o Amor, abraça a Esperança e abraça, também, a Paz! Essa palavra poderosa tem apenas duas letras que a tornam dona do Universo, essa palavra é - FÉ!

ENQUANTO...

Carolina Ramos

Enquanto a luz se esvai... na treva a paz se abate,
sacrificada em prol de trágica utopia:

- o anseio do poder! – raivoso cão que late,
sem permitir repouso, uivando noite e dia!

Enquanto a humanidade insone se debate,
a lutar contra o monstro audaz, que é sua cria,
meu frágil coração, que em desespero bate,
consolo vai buscar nos braços da poesia!

Quem sabe o que virá?! Só sei que agora vejo
fugir a cada instante, e sem sinais de volta,
a paz que tanto prezo e com fervor desejo!

Cruel, avança o caos... enquanto uma saudade
tange um sino tristonho, a chorar com revolta
seu derradeiro adeus à insana Humanidade!...

JUSTIÇA CONSCIENTE

Carolina Ramos

Consciências amorfas, que se arvoram
em ditar falsos dogmas deturpados,
recebem o repúdio dos que choram
ao ver seus atos dúbios, mal julgados.

Se conceitos, sem luz, se entredevoram,
confundindo inocentes e culpados,
clama a justiça, cujas faces coram,
mãos atadas...e de olhos já vendados!

E a tamponar a própria consciência,
há quem finja, a furtar-se de um castigo,
ser cego e surdo... só por conveniência!

Mas... Deus, maior Justiça... nunca falha!
Separa, no final, o joio e o trigo:
- Abraça o bom! - Condena o que é canalha!



Arlindo Tadeu Hagen

Trovas em desfile

Para muita gente no Brasil, o mês de fevereiro se divide em AC e DC, ou seja, antes e depois do Carnaval. Muita gente diz mesmo que o país só começa efetivamente a trabalhar depois do Carnaval.

Brincadeiras a parte, soltamos nosso grito de Carnaval, neste mês dedicado às folias de Momo, com o canto dos nossos inspirados Trovadores, que tem se dedicado ao tema.

Feliz Carnaval a todos!

De poste fantasiado,
no carnaval, quase morro,
apanhando um resfriado
de um espirro de cachorro!...

ALOISIO ALVES DA COSTA

No carnaval do desgosto,
muitas vezes de improviso,
ponho a máscara no rosto
para mostrar meu sorriso...

BATISTA SOARES

No carnaval, foi princesa,
destaque na passarela...
agora ela é só pobreza
na pobreza da favela!

JOÃO FREIRE FILHO

Nos teus sambas e folias,
meu carnaval feiticeiro,
a gente esquece em três dias
as mágoas de um ano inteiro!

JOSÉ MARIA MACHADO DE ARAÚJO

Escondo minha agonia
dentro de um riso total.
Eis a melhor fantasia
que visto sem carnaval.

JOSÉ VALERIANO RODRIGUES

No carnaval, distraída,
saliente e bem dotada,
a jovem se viu perdida
e nem se deu por achada!

JOSUÉ DE VARGAS FERREIRA

Com roupagens cujos panos
pela dor foram tecidos,
sou "destaque", há muitos anos,
no carnaval dos vencidos.

LUIZ PIZZOTI FRAZÃO

O tempo se plastifica
quando a folia descamba
e o povo toca cuíca
pra crise cair no samba.

MANOEL CAVALCANTE

Descem do morro sambando,
o conde, o rei e a princesa.
É o carnaval mascarando
de sangue azul, a pobreza...

MARINA BRUNA

O carnaval acabou...
Joguei a máscara a esmo,
e da farsa que restou:
- eu, palhaço de mim mesmo!

NÁDIA HUGUENIN

Quanta gente gostaria
de ser, na vida real,
o que foi, de fantasia,
nos dias de carnaval!...

NEY DAMASCENO

Carnaval: dança e alegrias,
que têm o dom surpreendente
de sepultar, por três dias,
todas as mágoas da gente!

P. DE PETRUS

Quando em março é festejado
o esperado carnaval,
quase sempre o resultado
nasce perto do Natal.

SÉRGIO FERREIRA DA SILVA

A máscara de alegria
em meu rosto, com frequência,
é apenas a fantasia
no carnaval da existência.

SYLVIO RICCIARDI

Ao ver no baile o marido
de "palhaço" as se esbaldar,
diz-lhe a mulher, ao ouvido:
- Carnaval é pra mudar!...

WALDIR NEVES